

LITERATURAS AFRICANAS COMPARADAS



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

ELENA BRUGIONI

*Literaturas africanas
comparadas*

Paradigmas críticos
e representações em contraponto

EDITORIA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

B833L Brugioni, Elena

Literaturas africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto / Elena Brugioni. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

1. Literatura africana (português). 2. Ficção africana. 3. Pós-colonialismo.
4. Indico, Oceano – História. I. Título.

CDD – 896.06

– 896

– 325.3

ISBN 978-85-268-1509-4

– 551.4615

Copyright © Elena Brugioni
Copyright © 2019 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*A mia madre Gianna.
Senza il suo appoggio, incondizionato e quotidiano,
non sarei mai riuscita a imparare e a essere.*

*A minha mãe Gianna.
Sem seu apoio, incondicional e cotidiano,
nunca teria conseguido aprender e ser.*

AGRADECIMENTOS

O trabalho acadêmico, especialmente em áreas como a de Humanas, é um ofício muitas vezes solitário, esquivo e silencioso, a julgar por fora, quase invisível. No entanto, silêncio e solidão, tão preciosos quanto desprezados sobretudo hoje em dia, só se tornam verdadeiramente eficazes quando pontuados pelo encontro, o diálogo e a partilha. Aliás, pensar e escrever este livro nunca teria sido possível sem o convívio humano e intelectual que tive o privilégio de levar a cabo com as muitas e preciosas pessoas com as quais o meu caminho se tem cruzado. Entre todas, uma palavra especial de agradecimento para Ana Mafalda Leite, Jessica Falconi e Paulo de Medeiros, colegas e amigos de tempos longínquos e geografias diversas, com quem tenho passado e partilhado muito da minha vida acadêmica e pessoal; sem seu apoio e sua amizade, chegar a algum lugar teria sido muito mais difícil e, certamente, muito menos humano. Também não poderia deixar de agradecer ao colega e amigo Alfredo Cesar Melo pela convivência intelectual cotidiana e o companheirismo tão preciosos e cada vez mais raros. Uma palavra especial e muito grata a João Paulo Borges Coelho, cujo convívio e amizade me ensinam a pensar e a entender tudo aquilo que parece importar mais. Um sincero agradecimento a Márcia Abreu, diretora da Editora da Unicamp, e a toda sua equipe, pela confiança no meu trabalho e pelo apoio na publicação deste livro. Neste ensaio volto a visitar meus companheiros de dias silenciosos de escrita e leituras, mas também de animadas e físicas horas de ensino e orientação em sala de aulas; às alunas e aos alunos

da Unicamp com quem tive o privilégio de partilhar leituras, ideias e reflexões, ao longo destes três anos, o meu mais sincero obrigada.

Por fim, o mais pessoal dos agradecimentos à minha família especial e, sobretudo, a Tommaso, precioso companheiro de vida, sonhos e desafios; na ausência dele, como já escrevi (e não me canso de repetir), nada disso teria sido possível ou faria qualquer sentido.

Julho 2018-junho 2019
Brasil, Moçambique, Itália

O que tentei fazer foi uma espécie de *exame geográfico da experiência histórica*, tendo em mente a ideia de que a terra é, de fato, um único e mesmo mundo, onde praticamente não existem espaços vazios e inabitados. Assim como nenhum de nós está fora ou além da geografia, da mesma forma nenhum de nós está totalmente ausente da *luta pela geografia*.

Edward W. Said, *Cultura e imperialismo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
-----------------	----

PARTE I: TEXTOS E(M) TEORIA(S)

1. LITERATURAS AFRICANAS E ROMANCE HISTÓRICO.....	19
2. LITERATURAS AFRICANAS E PÓS-COLONIALIDADE.....	47
3. LITERATURAS AFRICANAS: ESCRITA, ORALIDADE, VOZ.....	69
4. LITERATURAS AFRICANAS E O OCEANO ÍNDICO.....	87
5. LITERATURAS AFRICANAS: ESTEREÓTIPO, AGENCIAMENTO E ROMANCE DE FORMAÇÃO	113

PARTE II: LEITURAS E(M) CONTRAPONTO(S)

6. APONTAMENTOS PARA PENSAR O ROMANCE NA (SEMI)PERIFERIA: JOÃO PAULO BORGES COELHO.....	131
7. O PÓS-COLONIAL A CONTRAPELO: ARMÊNIO VIEIRA.....	151
8. ESCRITA, TRADUÇÃO E DIFERENÇA: O “EXEMPLO” DE MIA COUTO	173
9. ESCRE-VER (N)A PÓS-COLÔNIA: O TEATRO DE ABDULAI SILA	191

À GUIA DE CONCLUSÃO: APONTAMENTOS PARA (OUTRAS) CARTOGRAFIAS (PÓS-COLONIAIS) DAS LITERATURAS AFRICANAS (COMPARADAS)	207
---	-----

BIBLIOGRAFIA.....	227
-------------------	-----

ÍNDICE REMISSIVO	251
------------------------	-----

INTRODUÇÃO

Os textos reunidos neste ensaio resultam de pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto “A estética do Índico. ‘Geografias transnacionais do imaginário’ em narrativas visuais e literárias na(s) África(s) contemporânea(s)”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), e, nalguns casos, do projeto de pós-doutorado desenvolvido entre 2010 e 2015 no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Trata-se de textos parcialmente publicados em livros editados majoritariamente no exterior e em menor número no Brasil, e em revistas científicas nacionais e internacionais, que, nesta publicação, se encontram revistos, ampliados e aprofundados, apresentando versões substancialmente diversas daquelas originalmente publicadas.

A necessidade de reunir os resultados dessas pesquisas prende-se sobretudo à utilização dessas reflexões em sala de aula, desde o começo das minhas atividades docentes no Departamento de Teoria Literária (DTL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) onde, desde novembro de 2016, atuo como pesquisadora e professora de literaturas africanas comparadas e estudos pós-coloniais, inaugurando uma área de ensino e pesquisa no âmbito dos cursos de graduação oferecidos pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do DTL da Unicamp. A escassez de suportes didáticos para a formação de estudantes em campos de estudos novos e emergentes – pelo menos nos contextos acadêmicos

brasileiros –, como é o caso das literaturas africanas comparadas e do debate crítico que se desdobra no campo da crítica pós-colonial, torna necessário um trabalho de sistematização e divulgação dos percursos de estudo e das reflexões críticas que pautam essas áreas, tornando acessíveis ao público estudantil projetos literários, quadros críticos e repertórios bibliográficos essenciais para a formação acadêmica nesses campos disciplinares. Aliás, os textos aqui compilados se debruçam sobre conteúdos, obras literárias e quadros críticos que pautaram minha trajetória de pesquisa e que portanto são utilizados nos cursos de graduação e de pós-graduação que fui lecionando desde o primeiro semestre de 2017 no campo das Literaturas Africanas Comparadas e dos Estudos Pós-coloniais, configurando, o ensaio que aqui se apresenta, um recurso didático útil e pertinente para o desenvolvimento de atividades letivas e de formação, principalmente em vista da consolidação desses campos do saber no âmbito da oferta formativa e de pesquisa desenvolvida na Unicamp.

O percurso que estrutura o livro encontra-se dividido em duas partes distintas e todavia contíguas: a primeira, “Textos e(m) teoria(s)”, apresenta uma reflexão de pendor mais abertamente teórico que, exibindo debates e repertórios bibliográficos desenvolvidos em torno de paradigmas críticos e constelações conceituais específicas, procura (re)situar essas problematizações dentro da perspectiva disciplinar que configura o campo de estudo das literaturas africanas contemporâneas. As reflexões teóricas desenvolvidas nesta parte do ensaio convocam as obras literárias de autores como: João Paulo Borges Coelho, Ungulani Ba Ka Khosa, Chinua Achebe, Mia Couto, Ruy Duarte de Carvalho, M. G. Vassanji e NoViolet Bulawayo. O gênero *romance histórico* e as tensões conceituais que essa categoria apresenta na crítica às literaturas africanas são discutidos no primeiro capítulo, no qual, com base nos debates pós-moderno e pós-colonial, se esboçam

possibilidades interpretativas e impasses críticos que pautam esse gênero literário e, por conseguinte, suas necessárias (re)visões teóricas na esfera do que vem sendo definido como condição pós-colonial. No segundo capítulo, o itinerário de reflexão se desdobra no campo dos *estudos pós-coloniais*, apresentando debates críticos ainda parcialmente inéditos na esfera da crítica às literaturas africanas de língua portuguesa e um percurso que, em primeiro lugar, visa reposicionar a crítica pós-colonial entre as abordagens teóricas e epistemológicas pertinentes e necessárias para ler e pensar criticamente as literaturas africanas contemporâneas.

Oralidade e voz se configuram como categorias teóricas centrais no debate crítico sobre literaturas africanas modernas e contemporâneas sendo este o tópico do terceiro capítulo deste livro, no qual, por meio da obra literária de três autores africanos contemporâneos, se pretende evidenciar a variedade de significados que pautam os *repertórios orais* e suas implicações críticas, interpretativas e conceituais. Tendo em conta o relevo das cartografias literárias e, conseqüentemente, dos paradigmas críticos a estas subjacentes, o quarto capítulo oferece um contraponto entre *literaturas africanas e estudos do oceano Índico (Indian Ocean Studies, IOS)*, desenvolvendo uma análise das narrativas visuais e literárias em Moçambique com vistas à consolidação de abordagens comparativas de pendor transdisciplinar e transnacional. Por fim, a primeira parte do livro encerra-se com uma reflexão em torno dos estereótipos que pautam ainda hoje a representação visual e literária de sujeitos e contextos africanos contemporâneos, tomando como “exemplo” desse agenciamento ambíguo o gênero literário *romance de formação*.

Na segunda parte do livro, “Leituras e(m) contraponto(s)”, reúnem-se estudos dedicados a projetos e obras literárias “exemplares” no que concerne às problematizações crítico-teóricas apresentadas na primeira parte deste ensaio. Por conseguinte, os textos sobre os projetos literários

de João Paulo Borges Coelho, Mia Couto, Arménio Vieira e Abdulai Sila apresentam abordagens mais monográficas, que, no entanto, nunca se eximem da dimensão comparativa e contrapontística¹ que orienta a prática crítica aqui desenvolvida. Aliás, é nessa parte do livro que as reflexões teóricas se aproximam de forma mais aberta e direta – isto é, de certo modo, filológica – às obras literárias analisadas, encarando o texto literário como um lugar de teorização, ou seja, de produção de um conhecimento sempre situado e mundano² e de onde surgem percursos comparativos entre outros(as) autores(as), desenhando possibilidades *contrapontuais* inéditas e logo cartografias críticas diversas para o estudo das literaturas africanas contemporâneas.

¹ Said, 2004.

² *Idem*, 1993, 2004.

Parte I
Textos e(m) teoria(s)

CAPÍTULO 1

LITERATURAS AFRICANAS E
ROMANCE HISTÓRICO

Os novos homens do Império são os que acreditam em novos começos, novos capítulos, novas páginas; eu continuo a lutar com a velha história, esperando que, antes que se acabe, ela me revele por que achei que valia a pena me dar a esse trabalho.

J. M. Coetzee, *À espera dos bárbaros*.

A relação entre história e literatura acompanha as análises humanistas desde os seus primórdios e convoca categorias teóricas complexas que configuram a reflexão crítica no seio das Humanidades, apontando simultaneamente para uma articulação entre debate historiográfico, discursos históricos, representações e narrativas que pauta o debate da chamada pós-modernidade, cujos desdobramentos, numa perspectiva crítica e conceitual de matriz pós-colonial, sobressaem como problemáticas teóricas matriciais e de grande complexidade. Portanto, a problematização para a qual essa relação chama a atenção proporciona reflexões críticas em torno de uma categoria conceitualmente definida como escorregadia tal como a do *romance histórico*, cuja (re)definição na esfera disciplinar de literaturas e representações literárias de matriz “periférica”¹ se pretende, ainda que parcialmente, abordar e discutir neste capítulo.²

¹ WReC, 2015.

² Partes das reflexões desenvolvidas neste capítulo foram publicadas em livros

Em geral, as perguntas que se fazem prementes – desde a prática teórica até a sala de aula – e que norteiam a reflexão que aqui pretendo desenvolver seriam, então, as seguintes: é ainda pertinente, no campo dos estudos literários, utilizar e pensar a categoria de romance histórico? E, por conseguinte, quais os (des)ajustes necessários para pensar esse gênero literário numa perspectiva crítica e conceitual de matriz pós-colonial?

Tendo em conta a produção crítica que marca a reflexão em torno do romance histórico em literaturas historicamente hegemônicas – europeias ou, por via de uma aproximação simplista, por assim dizer, ocidentais –, surge a necessidade de interpelar, ainda que parcialmente, alguns dos quadros teóricos e conceituais aos quais esse gênero literário alude, procurando esboçar algumas hipóteses em torno da necessidade de (re)situar, conceitual e metodologicamente, o relevo operacional dessa categoria literária no que diz respeito a escritas e literaturas que, recorrendo a uma definição de estudo de área, podem ser aproximadamente definidas como literaturas africanas contemporâneas. Considerando a natureza monológica, nacional e eurocêntrica que pautava o gênero romance histórico, desde as suas primeiras manifestações, surge um conjunto de questões que visam, em primeiro lugar, interrogar os aparatos conceituais subjacentes a esse gênero literário, isto é: qual o campo semântico e conceitual de categorias como história, tempo, narração, representação e narrativa, quando estas pretendem se referir às chamadas “situações pós-coloniais”?³ Quais as (re)visões teóricas e epistemológicas que se fazem necessárias para pensar criticamente as chamadas metaficções historiográficas em literaturas que se inscrevem na(s) África(s) do contemporâneo?

e artigos, entre os quais gostaria de destacar: Brugioni, 2016, pp. 88-106; e Brugioni, 2016b, pp. 30-51.

³ Balandier, 2007.